

Muitos economistas previram como o principal problema do Plano Real a recessão que ele provocaria. A realidade desmentiu-os. O problema mais sério que os administradores do Plano Real enfrentam neste momento não é a recessão, e sim o aumento da atividade econômica.

O aquecimento da economia é uma das boas consequências da estabilidade da moeda. Ele resulta do aumento da renda dos trabalhadores. Os salários, que eram corroídos rapidamente pela inflação, passaram a ter seu valor preservado depois da chegada do real — aumentado pelo IPC-r — e isso trouxe um aumento expressivo do poder aquisitivo dos assalariados.

Não há dúvida, porém, de que o aumento abrupto da demanda, se não puder ser atendido por um aumento da oferta, torna muito mais difícil a administração de um programa de estabilização, pois tende a pressionar os preços para cima.

O consumo, de fato, vem aumentando, de forma acentuada, desde a chegada do real. Em agosto, por exemplo, as vendas da indústria paulista cresceram 16,9% em relação a julho, acompanhando o comportamento do comércio. Esse aumento foi observado também nos demais Estados.

Embora os dados de setembro ainda não sejam conhecidos, pode-se antecipar que também registrarão aumento de vendas, pois um dos principais indicadores da atividade industrial, o consumo de energia elétrica, apresentou, nesse mês, um aumento expressivo numa região de grande concentração de fábricas, que é a área atendida pela Eletropaulo. Em setembro, nos 78 municípios servidos pela concessionária — entre os quais os da Grande São Paulo —, o consumo global de energia elétrica cresceu 9,2% em relação a agosto, atingindo o maior volume da história da Eletropaulo. O aumento foi impulsionado, principalmente, pelo consumo industrial.

Outro reflexo da ativação da economia no mercado

de trabalho foi a contratação de 95 mil trabalhadores na Grande São Paulo em setembro. As contratações ocorreram em todos os setores da atividade econômica, de acordo com a pesquisa mensal Seade-Dieese.

Os dados mais recentes sobre a utilização da capacidade instalada das indústrias indicam que, em média, ainda há ociosidade para atender ao aumento da demanda, embora alguns segmentos — a indústria automobilística e a de eletrodomésticos, entre eles — possam estar próximos da utilização plena de suas instalações.

Para evitar um aumento exagerado da demanda, o governo poderá restringir as vendas a prazo, com a elevação dos juros ou a limitação dos financiamentos. Poderá também, como, aliás, já vem fazendo, agir do lado da oferta, liberando a importação de produtos em falta no mercado. No primeiro caso, a medida pode ser insuficiente para deter a onda de consumo; no segundo, pode demorar para produzir efeitos, por causa dos entraves burocráticos às importações e por causa da eventual falta de fornecedores estrangeiros regulares para o mercado brasileiro.

Assim, se o aquecimento das vendas se mantiver, os índices de inflação — já pressionados pelos produtos agrícolas e por algumas matérias-primas — poderão subir nos próximos meses. Não será sinal de fracasso do Plano Real. Outros planos que deram certo em outros países, como o Plano Cavallo, também enfrentaram situações como essas e as superaram.

Essas pressões assustam porque uma aceleração da inflação pode trazer de volta a memória inflacionária e dar força aos que ainda querem reindexar a economia. É preciso destacar, no entanto, que os fatores estruturais da inflação estão contidos, ainda que precariamente, e isso é essencial para o êxito do Plano Real. O que ele precisa agora, e até que o mercado se normalize, é de uma administração tanto mais competente e serena quanto maiores forem as dificuldades.